

As Cartografias das Memórias Tecidas na Produção de Júlia Mazzoni

por Rodrigo Ferreira¹

Júlia Mazzoni nasceu em Petrópolis, mas Brasília se tornou sua casa. Aos 17 anos, Júlia entrou no curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília, onde desenvolveu seu interesse pela linha. A artista afirma que o fio sempre teve uma ligação muito forte com a vida e que estamos em constante contato com a linha da vida (SANT'ANNA, 2024)².

Ela considera que o bordado se torna uma extensão de seu desenho, o qual sempre usou como forma de expressão desde a infância, para a tridimensionalidade. Nesse processo de criação na bidimensionalidade, Mazzoni imprime sua própria gestualidade. Seu processo criativo não tem pausas; segundo ela, o movimento de sua mão e de um instrumento marcador (caneta, lápis ou qualquer outro objeto que deixe vestígios de cor) só termina quando o desenho está finalizado (SANT'ANNA, 2022).

O corpo torna-se sua principal representação e, ao transportar seu desenho para a tridimensionalidade, Júlia traz consigo a leveza dos traços, mas também o peso da memória, da ruína e do passado. O corpo carrega muitas cicatrizes, dores e alegrias, como as linhas de expressão que se desenvolvem em nossos próprios corpos. A autobiografia da artista se funde com as figuras criadas por ela, criando a sensação de que somos uma grande colcha de retalhos.

Para entender a produção de Júlia Mazzoni é necessário também explorar uma possível história da arte têxtil. Afinal, a arte não está dissociada de seu meio e, como afirma Mariana Guimarães, “nossas experiências diárias produzem geografias de ações e, assim, o cotidiano contribui para a configuração de espaços, lugares e paisagens” (GUIMARÃES, 2015).

É nessa cartografia que reside a memória, pois é possível identificar os gestos feitos por quem borda. Assim como James Young afirma, a pintura e a tapeçaria têm uma relação: na pintura, revelam-se as pinceladas e seus movimentos, enquanto, no bordado, os pontos guardam a memória do movimento de quem se dedica a furar, atravessar e amarrar a linha (YOUNG apud ERTZOGUE, 2019).

Júlia Mazzoni documenta, por meio desses vestígios, a memória, o afeto e suas histórias pessoais, o que também pode ser chamado de constelação, onde seu próprio corpo é compartilhado com a obra, a qual é exposta para todos verem. A vulnerabilidade, no momento em que a obra é exposta, se torna protagonista. Júlia

¹ Graduado em Teoria, Crítica e História da Arte pela Universidade de Brasília. Pós-graduando em arte-educação e design. Desenvolve pesquisa sobre arte têxtil e indumentária.

² A artista afirma isso em uma entrevista concedida para a escrita deste texto.

Mazzoni expõe a si mesma sem medo algum. Seu corpo, sua memória e suas histórias estão expostos.

Dessa forma, ao observar a obra de Júlia Mazzoni, somos convidados a buscar nossas próprias lembranças e sentimentos no tempo e na memória. Nesse encontro entre o eu e o outro, a imagem se torna um objeto que carrega diversos tempos e espaços, criando um território onde nossas memórias se misturam com as da artista, e as intimidades são compartilhadas. Como afirma Didi-Huberman em *Quando as Imagens Tocam o Real*:

A imagem não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que, como arte da memória, não pode aglutinar (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 207)

Didi-Huberman destaca que a imagem é um rastro de múltiplos tempos e experiências, mas não pode integrar todos esses tempos de forma unificada. Da mesma forma, as obras de Júlia Mazzoni não tentam abarcar todos os tempos de uma só vez. Elas são vestígios que expressam a intimidade do eu e do outro, carregando fragmentos do passado, do presente e até de um futuro possível.

Assim, construímos nossa própria constelação, composta por diversas memórias. Estamos constantemente registrando e deixando vestígios de nós mesmos em todos os lugares. Nossas memórias são os astros dessa constelação. Alguns desses astros desaparecem e se apagam, muitas vezes sem que percebamos que um pequeno vestígio se extinguiu. Outros permanecem iluminados por uma vida inteira antes de se apagarem. Nossa constelação captura toda a nossa intimidade, e Júlia Mazzoni, em suas obras, revela as diversas intimidades de momentos que nem sempre lembramos. Ao construir uma constelação sobre o cotidiano, Mazzoni transforma suas experiências íntimas em obras que nos atravessam como agulhas atravessam um tecido.

Em meio aos fios dessa constelação, o corpo e a linha se tornam os objetos principais de representação nas obras da artista visual, mas essa produção vem acompanhada da memória. A memória está intrinsecamente ligada ao têxtil. Ao se propor bordar, a própria artista afirma que colabora para manter viva a memória de bordadeiras e bordadeiros que vieram antes dela (SANT'ANNA, 2022). Manter vivos os saberes de mulheres e homens que vieram antes de nós e, na busca pela memória, pelo passado e pelos vestígios da vida, Júlia Mazzoni escolhe essa técnica para que seja possível transmutar a memória em algo palpável.

A memória e o corpo tornam-se a matéria-prima da produção da artista, que, em entrevista, afirma sentir a necessidade de se expressar através de seu corpo, mas

não necessariamente com seu corpo.³ Essa necessidade é evidente em seus diversos bordados. Curiosamente, a técnica do bordado nos permite rastrear o movimento de quem borda. É como uma cartografia; é nela que mora a memória.

A artista, por exemplo, produziu a obra **00:00 (Inquieta)** com as lembranças de uma noite mal dormida. As diversas tentativas de esquecer tudo o que foi vivido no dia, esquecer todos os fios de memória que se tornam grandes emaranhados de fios que não deixam a cabeça apenas repousar. Ou mesmo em **Sem Título – da Série Limites, Divisas, Fronteiras**, em que a linha se espalha pelo tecido construindo rostos que não sabemos quem são, mas estão ali presentes, compartilhando espaços, fios, pontos, mas cores e corpos diferentes.

Aqui, memória e intimidade se tornam comuns entre a artista e o observador. Seus vestígios do corpo se encontram com os vestígios do corpo de quem olha como podemos observar em **Às Vezes Eu Não Me Vejo**. A obra é composta por três bordados que são autorretratos da artista; eles são sobrepostos a espelhos. Ao olhar, o observador se vê entre o bordado e o espelho. A memória se torna uma evidência que as experiências e memórias são construídas coletivamente.

Na busca árdua por nós mesmos, **Casulo** nos traz a sensação de intimidade. A artista borda um corpo que repousa em uma cama, um corpo que se torna a materialidade dos pensamentos inquietantes. A vida é como uma agulha, nos atravessa, deixando marcas com as quais não sabemos lidar. Nela, nossas memórias, pensamentos e passado se tornam grandes, mas, no fim, são tão pequenos. É inquieto, é pequeno, é íntimo. Mazzoni consegue capturar em seu bordado um sentimento que nos atravessa o tempo inteiro e deixa claro que é necessário olhar para o cotidiano, pois nele encontraremos os motivos dessas memórias existirem.

Afinal, em **Costurando Tempos Desconhecidos**, a artista confronta o seu passado. Ao bordar uma criança com fios que se ligam a uma pessoa que cobre o rosto, a artista questiona o passado, o que fomos, o que nos fez existir e nos torna o que somos hoje. A linha da vida é materializada pelo fio preto que conecta essas duas pessoas, que tentam construir memórias juntas em tempos diferentes. O fio que liga tudo e todos se torna o protagonista de uma obra que fala sobre nossos eus, afinal não somos só um. Somos tantos, tantas versões de nós mesmos e nos tornamos os únicos a conhecer todas elas.

É como a artista mostra em **Levantar e Cair, Quebrar o Ciclo da Inércia**. Dois bordados em um tecido transparente. Nele, é bordada a figura de uma pessoa que cai e levanta. O cotidiano nos torna vulneráveis; somos vistos tanto na queda quanto na ascensão. Nosso corpo carrega todas as cicatrizes dessas quedas e suas

³ Entrevista concedida para a publicação “SG1 - Circular a arte por todos os cantos” em 2020.

consequências. Essas cicatrizes criam uma cartografia que se torna o mapa de nossa memória.

Essas cicatrizes do tempo e do espaço são também compostas pelo toque, que se faz presente na obra **Sem Título – da Série Superfície de Contato**. Aqui, a memória é o registro das vivências cotidianas de um corpo que se coloca em contato com tudo que possa construir memórias e afetos. Aqui a memória se materializa como se fosse alguém que repete o seu nome incessantemente, com a esperança de que você olhe para trás e perceba que o corpo, a memória e o afeto são o que nos torna quem somos.

Julia Mazzoni traz para sua produção memórias que se entrelaçam com as dos observadores. Ela nos revela o avesso do bordado, mostrando o caminho de sua criação e as imperfeições de um corpo bordado. Expõe as angústias de uma noite inquietante, tenta reconstruir memórias de um corpo infantil que já não existe, torna-se o reflexo de si mesma na obra **Efêmera** e, por fim, nos demonstra que a vida é um constante bordar, errar, remendar a linha, desfazer o ponto e criar novas possibilidades. É atravessar a vida como uma agulha atravessa as tramas do tecido. Criando imagens que se transmutam a cada olhar atento, a artista nos lembra que os vestígios do passado sempre serão encontrados nos territórios mais cotidianos e simples de nossa memória. Afinal, a constelação não tem fim, pois somos compostos por linhas infinitas. Isso é o que nos torna quem somos. Como a própria artista afirma: *a figura humana composta por linhas é uma expressão artística carregada de simbolismo do próprio viver*.

Referências Bibliográficas:

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real, Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7533712/mod_resource/content/1/POSAdmin%2C%2B12_Georges_Didi-Huberman.pdf, acessado em: 11 de abril de 2024

DIAS, Marina de Aguiar Casali. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. Palíndromo, Florianópolis, v. 11, n. 23, p. 50-61, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/13278/9714>. Acesso em: 19 de março de 2024

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Quando o bordado e a memória se entrelaçam: imagem e oralidade em arpilleras amazônicas. História Revista, UFG, v. 23, n. 3, p. 104–120, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/51464/32920>. Acesso em: 10 março. 2024.

Pezzolo, Dinah Bueno. Tecidos: Histórias, Tramas, tipos e usos. São Paulo: editora Senac, 2017.

SANT'ANNA, Júlia Mazzoni Armando. Entre tramas: vivências através do bordado. 2022. 43 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

Referências Audiovisuais:

SG1: Circular a Arte por Todos os Cantos, SG1 - Circular a arte entrevista Júlia Mazzoni, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/77lokVFpBgH7OMWz6g7jtq>. Acessado em 13 de agosto de 2024.